

Aquisição da posição dos clíticos em português europeu como L2

The Acquisition of Clitic Placement in L2 European Portuguese

Wenjun Gu

SISU&CLUNL/NOVA
caro_g@shisu.edu.cn

RESUMO

Este trabalho apresenta um estudo que visa investigar a aquisição dos pronomes cíticos em português europeu (PE) por alunos chineses. Com base em duas tarefas de juízos de aceitabilidade (uma sem pressão de tempo e a outra com pressão de tempo), gostaríamos, por um lado, de fazer uma melhor caracterização do desenvolvimento das propriedades de colocação de pronomes cíticos na gramática de interlíngua dos alunos chineses; por outro lado, contribuir para uma melhor compreensão das propostas teóricas sobre a possibilidade da aquisição dos traços funcionais que não estão disponíveis na língua materna (L1). Os resultados preliminares sugerem que, tal como demonstrado em trabalhos anteriores sobre PE L1 e PE L2, as condições que determinam a próclise parecem ser mais difíceis de adquirir do que as da ênclise e os diferentes contextos próclíticos parecem desenvolver-se gradualmente, seguindo um caminho semelhante ao anteriormente descrito para o PE L1.

PALAVRAS-CHAVE

Pronomes clíticos, posição, aquisição de L2, aprendentes chineses, português europeu.

ABSTRACT

This paper presents a study which aims to investigate the acquisition of the clitic pronouns in European Portuguese (EP) by Chinese learners. Based on two acceptability judgement tasks (one without any time pressure and the other with time pressure), our aim is firstly to make improve the categorisation of the development of collocating clitic pronouns in Chinese learners' interlanguage grammars. Secondly, we aim to contribute to a better understanding of the theoretical proposals on the learnability problems regarding functional features not available in the first language (L1). The preliminary results suggest that, as shown in previous works on L1 EP and L2 EP, the conditions which determine proclisis seem to be more difficult to acquire than those for enclisis and the different contexts of proclisis seem to develop gradually, following a similar path to that previously described for L1 EP.

KEYWORDS

Clitic pronoun, placement, second language acquisition, Chinese learners, European Portuguese.

1. Introdução¹

A posição dos pronomes clíticos é conhecida como um aspeto problemático, mas interessante, na aquisição do português europeu (PE).

Tal como tem sido descrito na literatura (Ilari, 2013), pode identificar-se, em línguas românicas, três tipos de línguas, no que diz respeito à colocação dos pronomes clíticos relativamente ao seu hospedeiro.

Na maioria das línguas românicas, como, por exemplo, o italiano, o espanhol e o catalão, os padrões de colocação de clíticos estão relacionados com o modo do verbo, nomeadamente, com a finitude da oração. Neste grupo de línguas, o clítico ocorre em posição pré-verbal em orações finitas e em posição pós-verbal em orações não finitas (cf. (1) em italiano)².

- (1) a. Gianni **gli** telefona.
Gianni lhe telefona
“Gianni telefona-lhe”
- b. Gianni ha deciso di telefonar**gli**.
Gianni tem decidido de telefonar-lhe
“Gianni decidiu telefonar-lhe”

O francês, por sua vez, representa um outro tipo, que tem próclise generalizada, quer em orações finitas, quer em não finitas (cf. (2)).

- (2) a. Jean **lui** téléphone.
Jean lhe telefona
“O Jean telefona-lhe”
- b. Jean a décidé de **lui** téléphoner.
Jean tem decidido de lhe telefonar
“O Jean decidiu telefonar-lhe”

¹ O presente trabalho faz parte de um estudo sobre a aquisição de pronomes clíticos por falantes nativos de chinês, que aprendem o português europeu como língua não materna. Trata-se de um trabalho desenvolvido no âmbito do projeto de doutoramento (N.º 201506900058), financiado pelo Conselho das Bolsas de Estudo da China (“China Scholarship Council”, CSC), sob a orientação da Professora Doutora Ana Madeira.

² Todos os exemplos apresentados nesta parte foram retirados de Costa, Fiéis & Lobo (2015, pp. 11-12).

O PE constitui, por sua vez, uma língua que apresenta padrões únicos de colocação de clíticos, não estando estes relacionados com o modo do verbo, mas sim determinados por diferentes condições sintáticas (cf. (3)).

- (3) a. O João não *lhe* telefonou.
b. O João telefonou-*lhe*.
c. O João telefonar-*lhe*-á.

Alguns autores (Martins, 1994, 2016, entre outros) atribuem esta especificidade no padrão de colocação a propriedades específicas do domínio funcional em PE e a propriedades lexicais desta língua. Neste sentido, a aquisição da posição dos clíticos dependerá da aquisição destas propriedades sintáticas e lexicais.

Vários estudos sobre a aquisição dos pronomes clíticos em PE como L1 (Costa & Lobo, 2009, 2013; Costa, Fiéis & Lobo, 2015; Varlokosta et al., 2015, entre outros) indicam que nesta língua as crianças seguem um percurso diferente do observado nas outras línguas românicas, nomeadamente no que diz respeito à aquisição dos padrões de colocação. É um processo bastante tardio, apresentando as crianças portuguesas padrões desviantes até aos 7 anos de idade (Costa, Fiéis & Lobo, 2015). Sugere-se, a partir de alguns destes estudos, um percurso fixo de desenvolvimento na aquisição da posição dos clíticos em PE como L1, marcado principalmente pela generalização inicial da ênclise e pela aquisição gradual dos diferentes contextos da próclise, seguindo uma ordem descrita como: negação > advérbios proclisadores > orações adverbiais finitas > quantificadores (sujeito).

No contexto da aquisição de L2³, os estudos que abordam a aquisição da posição dos pronomes clíticos em PE parecem apontar que a colocação dos clíticos constitui um dos aspetos problemáticos da aquisição do PE para os aprendentes não nativos (Rosário, 1997, 2005; Grosso, 1999; Madeira, Crispim & Xavier, 2006; Mai, 2006; Madeira & Xavier, 2009, entre outros). Foi observado, em alguns destes trabalhos, um determinado percurso de desenvolvimento do padrão da colocação dos clíticos em PE como L2, semelhante ao percurso observado na aquisição de L1.

³ Neste trabalho, utiliza-se o termo L2 (língua não materna) para designar qualquer língua que é adquirida/aprendida depois da língua materna (L1), independentemente do contexto de aquisição/aprendizagem, seguindo a proposta de Madeira (2017, pp. 305-306), em vez de estabelecer uma distinção entre os conceitos de “língua segunda” e de “língua estrangeira”.

Contudo, estes estudos (Rosário, 1997; Madeira, Crispim & Xavier, 2006; Madeira & Xavier, 2009, entre outros) são relativamente homogêneos no que diz respeito aos grupos de participantes, sendo quase todos eles constituídos por falantes nativos de línguas indo-europeias, tais como as românicas (francês, espanhol, catalão e italiano) ou as germânicas (alemão, inglês e holandês), para além de uma língua urálica (finlandês), sem se terem ainda considerado muitas evidências verificadas entre falantes de línguas sino-tibetanas, como o chinês. Esta língua, não só pertence a um grupo linguístico diferente, mas também é especial relativamente à maioria das línguas testadas, pelo facto de que em chinês não existem pronomes clíticos, mas permite-se o objeto nulo, um outro fenómeno específico ligado à aquisição dos clíticos em PE (Costa & Lobo, 2007a). Os nossos últimos trabalhos realizados com os falantes nativos de chinês (Gu, 2019; Gu, no prelo), através de uma tarefa de juízos de aceitabilidade e de uma tarefa de produção (oral) induzida com imagens, parecem ter indiciado evidências positivas para várias observações verificadas nos outros trabalhos, tanto com PE L1 como com PE L2, com respeito às assimetrias da aquisição dos padrões de colocação dos pronomes clíticos e até à ordem do desenvolvimento das revelantes propriedades. No entanto, tratando-se apenas de estudos-piloto, os resultados obtidos nesses trabalhos ainda precisam de ser confirmados por mais dados.

O presente trabalho destina-se a apresentar um estudo sobre a aquisição da posição dos pronomes clíticos de PE por falantes nativos de chinês, tendo como objetivo, por um lado, contribuir para o enriquecimento dos dados empíricos acerca da matéria, e, por outro lado, verificar os resultados anteriormente registados com os falantes nativos de chinês nos estudos-piloto. Como se consideram inexistentes, em chinês, os pronomes clíticos, que estão supostamente associados ao domínio funcional, espera-se que este trabalho ajude a compreender melhor o desenvolvimento das categorias funcionais e as suas propriedades na interlíngua dos aprendentes não-nativos, fornecendo, de alguma forma, novas evidências para as hipóteses levantadas na área da aquisição de L2, nomeadamente as que discutem a possibilidade da aquisição das propriedades funcionais ausentes em L1.

Serão discutidas duas hipóteses neste âmbito, designadamente a de Transferência Plena/Acesso Pleno defendida por Schwartz & Sprouse (1996) e a Hipótese do Déficit Representacional, proposta por Hawkins & Chan (1997). Na perspetiva da Hipótese de Transferência Plena/Acesso Pleno, considera-se que “a gramática da L1 é transferida na sua totalidade, correspondendo ao estádio inicial da aquisição da L2, e é reestruturada gradualmente, à medida que o aprendente é exposto a dados da L2 que são incompatíveis com as regras da gramática da sua

interlíngua” (Madeira, 2017, p. 315). Presume-se que a reestruturação da gramática ocorre com base na Gramática Universal e, assim, conjectura-se que “os falantes não-nativos podem adquirir plenamente todas as propriedades gramaticais da língua-alvo” (Madeira, 2017, p. 315). Por outro lado, na Hipótese do Déficit Representacional, propõe-se que a aquisição das propriedades funcionais está sujeita a um período crítico e que, após este período, as propriedades funcionais que se encontram desativadas na L1 deixam de estar acessíveis aos aprendentes, resultando no insucesso da aquisição destas propriedades na L2.

Realizar-se-á uma discussão dos resultados obtidos neste estudo, com base na qual serão verificadas as predições colocadas por cada uma destas duas hipóteses sobre a aquisição de L2.

2. Pronomes complemento em português europeu e em chinês

A língua portuguesa e a língua chinesa apresentam alguma diferença ao nível da pronominalização de complementos do verbo: em PE, empregam-se pronomes clíticos, enquanto em chinês mandarim, não havendo a categoria de clíticos pronominais, usam-se pronomes fortes, de acordo com a tipologia proposta por Cardinaletti e Starke (1999).

Na dimensão morfológica, encontram-se formas mais diversificadas de pronomes complemento em PE do que em chinês. Os pronomes complemento do PE distinguem-se dos pronomes nominativos e oblíquos (que se realizam como pronomes fortes) e, como se observa na Tabela 1, apresentam formas diferentes para os pronomes acusativos, dativos e reflexos, enquanto, em chinês (Tabela 2), o pronome complemento reflexo mantém-se igual para todas as pessoas e os não-reflexos partilham as mesmas formas que os pronomes nominativos.

Tabela 1 – Pronomes complemento em PE

| Pessoa | Não-reflexo | | Reflexo |
|--------|-----------------|--------|---------|
| | Acusativo | Dativo | |
| Sg. | 1. ^a | me | me |
| | 2. ^a | te | te |
| | 3. ^a | o/a | lhe |
| Pl. | 1. ^a | nos | nos |
| | 2. ^a | vos | vos |
| | 3. ^a | os/as | lhes |

Tabela 2 – Pronomes complemento em chinês

| | Pessoa | Não-reflexo | Reflexo |
|-----|-----------------|-----------------------------|---------|
| Sg. | 1. ^a | 我wo ⁴ | 自己ziji |
| | 2. ^a | 你ni/您nin ⁵ | |
| | 3. ^a | 他ta/她ta/它ta ⁶ | |
| Pl. | 1. ^a | 我们women | |
| | 2. ^a | 你们nimen | |
| | 3. ^a | 他们tamen/她们tamen /它们tamen | |

No que diz respeito à posição sintática, os pronomes complemento em PE apresentam uma maior variação do que em chinês. Podem ser colocados em posições proclítica, enclítica e mesoclítica, dependendo estes padrões de contextos sintáticos e morfológicos específicos. De acordo com Martins (2013), aplica-se a próclise principalmente quando os clíticos se encontram: a) em orações principais, na presença de determinados elementos em posição pré-verbal, tais como palavras negativas (cf. (4)), certos quantificadores (cf. (5)), certos advérbios (cf. (6)), constituintes QU- (cf. (7)); b) em orações subordinadas finitas (cf. (8)); c) em orações infinitivas flexionadas introduzidas por determinadas preposições (cf. (9)). A ênclise (cf. (10)), como a ordem básica, ocorre nos restantes casos em que não é obrigatória a próclise. Finalmente, a posição mesoclítica ocorre quando os pronomes clíticos se juntam a verbos nas formas do condicional ou do futuro (cf. (11)). A mesóclise pode ser considerada uma variante da ênclise, já que ocorre nos contextos em que o clítico deveria aparecer em ênclise se o verbo não estivesse no futuro ou no condicional (Brito, Duarte & Matos, 2003).

(4) *Não me* disseram nada.

(5) *Tudo me* parece bom agora.

⁴ “Wo” é a “interpretação” do carácter “我” de acordo com o sistema romanizado de chinês, *Pinyin*, que descreve a pronúncia.

⁵ Os dois pronomes diferenciam-se entre eles no grau de intimidade e de respeito/cortesia. Emprega-se “ni” com pessoas relativamente mais íntimas enquanto “nin” é utilizado para mostrar respeito e formalidade.

⁶ Os três pronomes diferenciam-se em género e no traço [±humano]: “他ta” designa seres humanos masculinos e “她ta” seres humanos femininos, enquanto “它ta” se refere a uma entidade não humana (quer macho quer fêmea) ou inanimada.

- (6) *Também o* encontrei lá ontem.
 (7) *Que lhe* parece?
 (8) A Ana disse *que se* levantava sempre muito cedo.
 (9) *Para a* impressionarem, têm de organizar o evento muito bem.
 (10) O João levanta-*se* cedo.
 (11) *Dir-vos-ei* a verdade.

Quanto ao chinês, colocam-se os pronomes em posição pós-verbal (cf. (12)-(14)); e, em posição pré-verbal só em contextos muito restritos, como na construção “ba”⁷ (cf. (15)).

- (12) Ni mei kanjian *wo*.
 Tu não ver eu
 Não *me* viste.
 (13) Wo ye taoyan *ta*.
 Eu também detestar ele
 Também *o* detesto.
 (14) An Na shuo ta renshi *ni*.
 Ana disse ela conhecer tu
 A Ana disse que *te* conhecia.
 (15) Zhe xiangzi hen zhong. Ni ba *ta* fang zheli.
 Esta caixa muito pesada. Tu BA ela deixar aqui
 Esta caixa é muito pesada. Deixa-*a* aqui.

3. Presente estudo

3.1. Metodologia

Neste trabalho, foram realizadas duas tarefas de juízos de aceitabilidade: uma sem pressão de tempo⁸ e a outra com pressão de tempo. Foi incluída uma

⁷ A construção “ba” é um fenómeno específico da língua chinesa, em que uma expressão nominal, que sucede ao elemento “ba”, precede o verbo que a seleciona. Trata-se de um fenómeno bastante estudado na linguística chinesa, nomeadamente no que diz respeito à natureza de “ba” e às propriedades desta construção; no entanto, falta um consenso claro até agora (encontram-se diferentes propostas de análise nos trabalhos de Li, 2006; Huang, Li & Li, 2009, entre outros).

⁸ A tarefa de juízos de aceitabilidade sem pressão de tempo aplicada neste trabalho foi adaptada do estudo de Madeira e Xavier (2009) sobre a aquisição de pronomes clíticos em PE por

tarifa com pressão de tempo, para além de uma sem pressão de tempo, a fim de verificar os juízos acelerados dos participantes. Espera-se que este tipo de tarefa possa impedir os participantes de recorrer ao conhecimento explícito e que os juízos captados desta forma, sendo mais exigentes em termos de processamento, nos tragam informações que uma tarefa sem pressão de tempo não consegue obter, nomeadamente no que diz respeito ao estado da aquisição (ao invés de aprendizagem explícita) das propriedades relevantes dos inquiridos.

3.1.1. Tarefa I – Juízos de aceitabilidade sem pressão de tempo

3.1.1.1. Procedimento

O teste foi realizado individualmente pelos participantes no computador, onde se apresentavam os itens por avaliar. Cada item continha uma frase sublinhada, precedida, em metade dos itens⁹, por um contexto.

Pediu-se aos informantes para avaliar se a frase lhes soava natural e adequada ao contexto (quando aplicável), numa escala de 1 a 5, sendo “1” completamente não aceitável e “5” completamente aceitável. Segue-se um exemplo:

(16) Este vestido é bonito, mas muito caro.

A Lília não o comprou.

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5

Foram incluídos nesta experiência 36 distratores e 60 itens de teste, nos quais se testaram 5 condições distintas¹⁰:

falantes nativos de outras línguas românicas e de línguas germânicas.

⁹ O presente trabalho integra-se num trabalho maior sobre a aquisição de pronomes clíticos em PE e inclui, nos estímulos, não só os clíticos reflexos como também os não reflexos (argumentais acusativos). Para os itens com clíticos não reflexos, é sempre necessária uma outra frase que introduz o contexto para a frase a avaliar. Vale a pena mencionar que não se verificou ligação entre o tipo de clíticos (reflexos ou não reflexos) e os juízos relativos à sua posição, por isso, neste trabalho, não se considerou o tipo de clítico como uma variável para os resultados.

¹⁰ Foram testados 12 itens por condição, metade com pronomes clíticos reflexos e metade com não reflexos, enquanto cada metade continha 3 itens com uso canónico dos clíticos e

- i. orações simples sem nenhum proclisador
- ii. orações simples com proclisadores, nomeadamente:
 - a. negativas (*não*)
 - b. com um quantificador proclisador (*todos*)
 - c. com um advérbio que induz a próclise (*também*)
- iii. orações subordinadas adverbiais causais finitas (*porque*)

3.1.1.2. Participantes

Participaram nesta experiência 26 falantes nativos de PE e 30 falantes nativos de chinês, aprendentes de português provenientes de uma universidade de Xangai. Os alunos chineses foram divididos em dois grupos de acordo com o seu tempo de aprendizagem da língua portuguesa (cerca de 17 meses vs. 40 meses¹¹). Mostram-se, na seguinte tabela, as características registadas destes participantes.

Tabela 3 – Participantes (juízos sem pressão de tempo)

| | Grupo 1 | Grupo 2 | Controlos |
|---------------------------------|-----------------------------------|-----------------------------------|--|
| Idade | 18-19 | 21-22 | 19-48 (média 26;9 dp 8,59) |
| Tempo de aprendizagem | 17 meses | 40 meses | / |
| L1 | Chinês mandarim | Chinês mandarim | Português europeu |
| T. de estudo em Portugal | 0 | 8-24 meses (média 13,45) | / |
| Outras L2 | Inglês (n= 19); Japonês (n= 3) | Inglês (n= 11); Japonês (n= 2) | Alemão (n=6); Espanhol (n=11); Francês (n=8); Inglês (n=25); Italiano (n=2); Chinês (n=8) |
| No. de participantes | 19 | 11 | 26 |

3.1.2. Tarefa II – Juízos de aceitabilidade com pressão de tempo

3.1.2.1. Procedimento

O teste de juízos de aceitabilidade com pressão de tempo seguiu quase os mesmos procedimentos que o sem pressão de tempo. Realizou-se no computador, através do programa *Linger*, e pediu-se aos participantes para lerem as frases

os outros 3 com usos que não seguem as normas gramaticais.

¹¹ São alunos de português do 2º e 4º ano de licenciatura, respetivamente.

exibidas e para avaliarem a sua naturalidade e aceitabilidade numa escala de 1 (“completamente não aceitável”) a 5 (“completamente aceitável”).

A maior diferença entre esta tarefa e a tarefa anterior reside na forma e no tempo de exposição dos itens. Nesta experiência, a frase por avaliar e o seu contexto apareceram separadamente no ecrã: o contexto apareceu primeiro; após tê-lo lido, o participante carregou numa tecla, fazendo desaparecer o contexto apresentado, e a frase por avaliar surgiu, palavra por palavra, a um ritmo fixo, no centro do ecrã. Cada palavra permaneceu no ecrã durante 510 milissegundos antes de deixar de ser exibida. Quando desapareceu a última palavra da frase, pediu-se ao participante para selecionar uma das opções (1-5), carregando o número correspondente no teclado.

Foram incluídos nesta tarefa 16 distratores e 20 itens de teste¹², nos quais se testaram as mesmas 5 condições testadas na experiência sem pressão de tempo.

3.1.2.2. Participantes

Participaram nesta experiência 11 falantes nativos de PE¹³ e 28 falantes nativos de chinês, aprendentes de português provenientes de uma universidade de Xangai. Os alunos chineses foram divididos em dois grupos de acordo com o seu tempo de aprendizagem da língua portuguesa (cerca de 13 meses vs. 37 meses¹⁴). Mostram-se, na seguinte tabela, as características registadas destes participantes.

¹² Foram testados 4 itens por condição, 2 itens com uso canónico dos pronomes clíticos e os outros 2 com usos que não seguem as normas gramaticais, sendo não reflexos (argumentais acusativos) todos os clíticos contidos nos itens. Vale a pena mencionar que o número dos estímulos desta experiência é mais reduzido que na tarefa anterior porque a tarefa com pressão de tempo foi desenhada, não só para obter dados de juízos dos participantes sob processamento mais exigente, mas também como um teste adicional para verificar os resultados da tarefa sem pressão de tempo; para além disso, foi ainda uma opção para tornar o teste mais leve para os participantes, tendo em conta que os juízos acelerados são custosos no que diz respeito ao processamento.

¹³ O número de controlos encontra-se bastante reduzido pelo facto de que a tarefa precisa de ser realizada pelos inquiridos no computador da investigadora e a recolha de dados tornou-se difícil depois do surto da pandemia Covid-19.

¹⁴ São alunos de português do 2º e 4º ano de licenciatura, respetivamente.

Tabela 4 – Participantes (juízos com pressão de tempo)

| | Grupo 1 | Grupo 2 | Controlos |
|---------------------------------|-----------------|-----------------------------|---|
| Idade | 18-20 | 21-22 | 19-41 (média 34;2 dp 5,47) |
| Tempo de aprendizagem | 13 meses | 37 meses | / |
| L1 | Chinês mandarim | Chinês mandarim | Português europeu |
| T. de estudo em Portugal | 0 | 8-24 meses (média 13,45) | / |
| Outras L2 | Inglês (n=16) | Inglês (n=12) | Espanhol (n= 6) Francês (n= 6) Inglês (n= 11) Italiano (n=1) |
| No. de participantes | 16 | 12 | 11 |

3.2. Questões de investigação

Com o presente trabalho, procuramos descrever o desenvolvimento das propriedades-alvo na aquisição de PE dos falantes nativos de chinês, averiguando se se encontram, neste grupo de participantes, características semelhantes às observadas em falantes nativos de outras línguas que aprendem PE como L2, assim como nas crianças portuguesas.

Abordam-se especialmente as seguintes questões: (1) os aprendentes chineses de português L2 generalizam a ênclise, apresentando dificuldades na aquisição do padrão de próclise? (2) observam-se diferenças no ritmo de desenvolvimento entre diferentes contextos proclíticos? (3) se sim, qual é a ordem de aquisição que seguem os falantes nativos de chinês?

Como descrito nas partes anteriores, o chinês mandarim, a L1 dos informantes neste caso, diferencia-se do PE, a L2 em estudo, a respeito do seu sistema pronominal: em português, disponibilizam-se tanto pronomes fortes como pronomes clíticos, enquanto, em chinês, só os primeiros estão acessíveis. Assim, para adquirir os pronomes clíticos em PE, os aprendentes chineses, adultos, no nosso caso, precisam de adquirir propriedades funcionais inexistentes na sua L1. Tendo em conta as duas abordagens apresentadas na secção 1, espera-se que:

- 1) Caso se verifique a Hipótese de Transferência Plena/Acesso Pleno, a aquisição das propriedades, com o acesso pleno à GU, acabará por ser bem-sucedida, i.e., todos os padrões de colocação dos pronomes clíticos de PE poderão ser adquiridos pelos aprendentes chineses.

- 2) Caso se verifique a Hipótese do Défice Representacional, não haverá indícios da aquisição dos padrões da colocação dos pronomes clíticos, porque os aprendentes deste estudo, sendo adultos, já não se encontram dentro do período crítico, e, de acordo com a hipótese, não serão capazes de adquirir as propriedades funcionais em estudo, uma vez que estas não fazem parte da sua L1.

Entretanto, as duas abordagens fazem predições iguais no que diz respeito à fase inicial da aquisição das propriedades: os pronomes clíticos não se encontram “estabelecidos” na gramática dos participantes chineses nos estádios iniciais; ou devem ser analisados incorretamente como outras formas em chinês, como, por exemplo, pronomes fortes, ou seja, de qualquer forma, a ênclise será a colocação preferida nesta fase. Esta predição será difícil de ser verificada diretamente com os participantes deste trabalho, pelo facto de que nenhum deles se encontrava na fase inicial da aquisição das propriedades em estudo no momento em que se fizeram os testes.¹⁵ Nesta conformidade, prevê-se que o grupo chinês com menos tempo de aprendizagem (Grupo 1) tenderá a aceitar mais a ênclise nos contextos proclíticos do que o grupo com mais tempo de aprendizagem (Grupo 2).

4. Resultados

4.1. Tarefa I – Juízos de aceitabilidade sem pressão de tempo

Os resultados médios globais obtidos na tarefa de juízos de aceitabilidade sem pressão de tempo são apresentados na Tabela 5:

Tabela 5 – Média das pontuações (Ênclise vs. Próclise)

| | Contexto enclítico | | Contexto proclítico | |
|-----------------|--------------------|----------|---------------------|-------------|
| | Ênclise | Próclise | Ênclise | Próclise |
| Grupo 1 | 4,56 | 2,52 | 2,34 | 4,18 |
| Grupo 2 | 4,61 | 3,09 | 2,46 | 4,31 |
| Controlo | 4,82 | 2,12 | 2,64 | 4,56 |

¹⁵ Na verdade, foi pouco possível obter dados com os aprendentes chineses nos estádios iniciais. Realizara-se um teste-piloto com os alunos de português do 1º ano de licenciatura e viu-se que a sua proficiência da língua até ao momento do teste impedia, de forma significativa, a sua compreensão dos estímulos.

Pode-se ver que, de um modo geral, todos os participantes parecem ter conseguido distinguir as condições que determinam a alternância entre ênclise e próclise, dando pontuações superiores a 4 às frases em que os pronomes clíticos se encontram em posições apropriadas e pontuações inferiores a 3 às frases com clíticos em posições desviantes, com exceção do Grupo 2, que parece apresentar uma rejeição mais fraca da próclise nos contextos enclíticos, dando 3,09 à essa posição.

Quanto às taxas de respostas-alvo¹⁶ com respeito aos contextos de ênclise e de próclise (Tabela 6), todos os três grupos parecem apresentar melhor desempenho nos contextos enclíticos do que nos proclíticos, mostrando uma clara tendência de aceitação relativamente aos itens onde se encontram os pronomes em posições canónicas. Não se verificou, aliás, diferença entre o desempenho dos participantes do Grupo 1 e do Grupo 2 (85,09% vs. 87,88%; 76,84% vs. 79,70%).

Nenhum dos grupos parece mostrar indícios de generalização de ênclise nos contextos proclíticos, mantendo-se sempre em menos de 30% os casos em que os informantes deram pontuações 4/5 às frases com clíticos em posição pós-verbal nos contextos com presença dos proclisadores (Tabela 6).

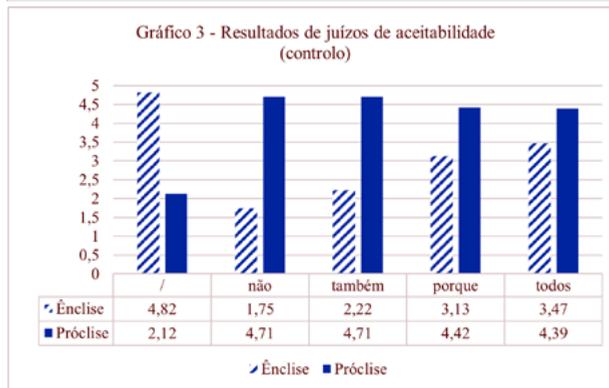
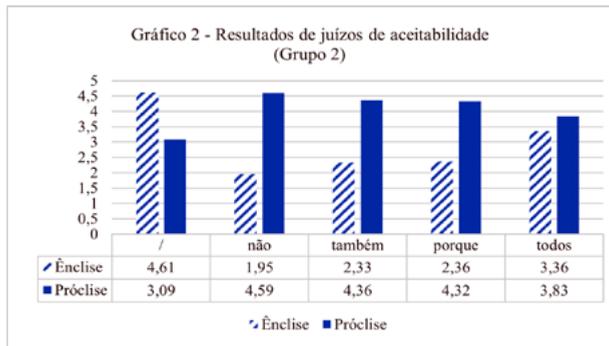
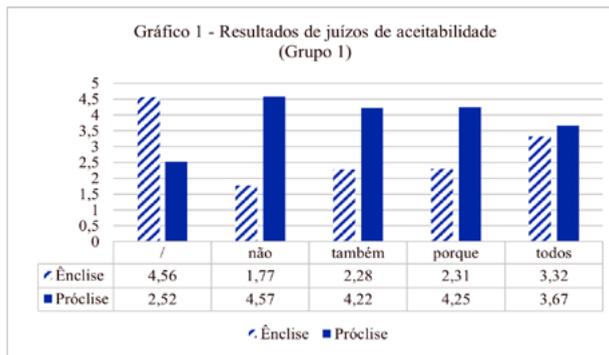
Tabela 6 – Taxas de respostas-alvo (%)

| | Contexto enclítico | | | | Contexto proclítico | | | |
|-----------------|--------------------|--------------|----------|-------|---------------------|-------|----------|--------------|
| | ÊNCLISE | | PRÓCLISE | | ÊNCLISE | | PRÓCLISE | |
| | 1-2 | 4-5 | 1-2 | 4-5 | 1-2 | 4-5 | 1-2 | 4-5 |
| Grupo 1 | 3,51 | 85,09 | 60,53 | 25,44 | 66,84 | 22,81 | 10,88 | 76,84 |
| Grupo 2 | 1,52 | 87,88 | 33,33 | 40,91 | 65,76 | 28,79 | 5,76 | 79,70 |
| Controlo | 1,92 | 97,44 | 68,59 | 8,33 | 53,69 | 26,76 | 4,97 | 87,66 |

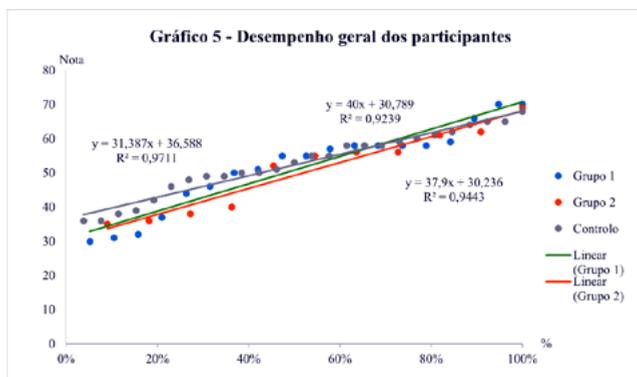
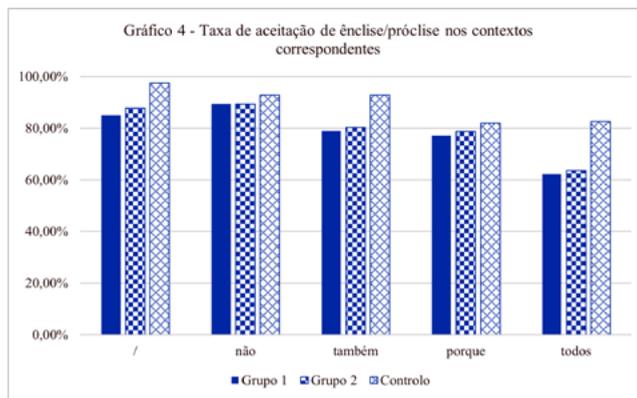
Uma análise mais aprofundada dos resultados em diferentes contextos de cada grupo (Gráfico 1-3) indica que: 1) não foram detetados indícios de generalização da ênclise em nenhum dos grupos; 2) tanto os informantes do Grupo 1 como os do Grupo 2 estabelecem uma distinção clara entre as colocações canonicamente enclíticas e proclíticas em todos os contextos testados; 3) o contexto

¹⁶ Neste trabalho, consideram-se “respostas-alvo” as classificações 4/5 (correspondentes a aceitação) para as frases em que a colocação dos pronomes clíticos está conforme a norma gramatical, assim como as classificações 1/2 (correspondentes a rejeição) para as frases em que os pronomes clíticos não se encontram nas posições canónicas. A classificação 3 não está incluída neste cálculo, dado que a sua interpretação pode não ser consensual.

de negação é a condição em que se registou a maior diferença entre a aceitação de ênclise e de próclise (Grupo 1- 1,77 vs. 4,57; Grupo 2- 1,95 vs. 4,59; Controlo- 1,75 vs. 4,71); 4) o contexto de orações simples com o quantificador proclisador “todos” constitui a condição em que se observou a menor distinção entre a aceitação de ênclise e de próclise (Grupo 1- 3,32 vs. 3,67; Grupo 2- 3,36 vs. 3,83; Controlo- 3,47 vs. 4,39); 5) Os participantes chineses tendem a apresentar, de forma geral, comportamentos semelhantes aos dos falantes nativos.



Ao proceder a uma análise da taxa de aceitação de ênclise/próclise nos contextos correspondentes (Gráfico 4), observou-se uma variação na aceitabilidade relativamente à posição dos pronomes clíticos em diferentes contextos de próclise tanto nos controlos como nos aprendentes chineses de português. Não chegou a ser verificada uma escala de aquisição das propriedades em estudo, mas foram registados os contextos de negação e de quantificador proclisador (sujeito) como as condições em que os participantes chineses, tanto do Grupo 1 como do Grupo 2, apresentaram o melhor e o pior desempenho, respetivamente, entre todas as condições proclíticas testadas.



A fim de conhecer melhor o desempenho dos três grupos e perceber as diferenças entre os mesmos, recorremos a uma análise de regressão linear (Gráfico 5), com base nos juízos de cada participante na tarefa. Deu-se um ponto às respostas-alvo enquanto se atribuíram zero pontos às outras respostas, obtendo assim cada inquirido uma pontuação que representa o seu desempenho no teste. Como

se apresenta no gráfico, os informantes parecem ter pontuações pouco distintas e não parece ser demonstrado nenhum óbvio efeito de desenvolvimento entre os dois grupos chineses, nem uma diferença entre os falantes nativos e os não nativos, o que confirmou, de certa forma, os resultados referidos anteriormente.

4.2. Tarefa II – Juízos de aceitabilidade com pressão de tempo

Quanto à tarefa de juízos com pressão de tempo, registam-se os seus resultados médios globais na Tabela 7:

Tabela 7 – Média das pontuações (Ênclise vs. Próclise)

| | Contexto enclítico | | Contexto proclítico | |
|-----------------|--------------------|----------|---------------------|-------------|
| | Ênclise | Próclise | Ênclise | Próclise |
| Grupo 1 | 4,41 | 3,72 | 3,56 | 3,82 |
| Grupo 2 | 4,54 | 3,29 | 3,32 | 4,17 |
| Controlo | 4,86 | 2,14 | 2,41 | 4,66 |

Estes resultados médios parecem confirmar, em algum sentido, o que foi observado anteriormente na tarefa de juízos sem pressão de tempo, apresentando uma distinção dos contextos que determinam a alternância entre ênclise e próclise por parte dos inquiridos, uma vez que se deram quase sempre pontuações superiores a 4 às colocações canónicas e pontuações obviamente mais baixas às colocações desviantes. Vale a pena notar, aliás, que, em comparação com os resultados da tarefa anterior, os participantes não nativos, em ambos os grupos, parecem tender a dar pontuações mais elevados às condições desviantes, registando-se valores superiores a 3 para os casos de próclise nos contextos enclíticos, assim como para os de ênclise nos contextos proclíticos.

Observou-se uma outra diferença considerável no desempenho dos participantes do Grupo 1 no contexto proclítico. Regista-se uma pontuação média de 3,82 dada pelos informantes deste grupo à colocação proclítica no contexto correspondente e uma pontuação média de 3,56 à colocação desviante, o que poderia indiciar uma distinção menos bem estabelecida entre as condições deste grupo de participantes.

As taxas de resposta-alvo com respeito aos contextos de ênclise e de próclise (Tabela 8) obtidas com pressão de tempo continuam a indiciar um melhor desem-

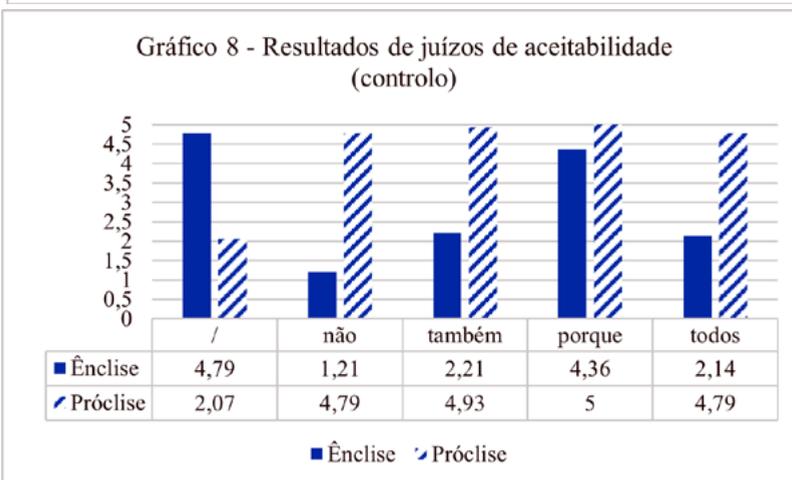
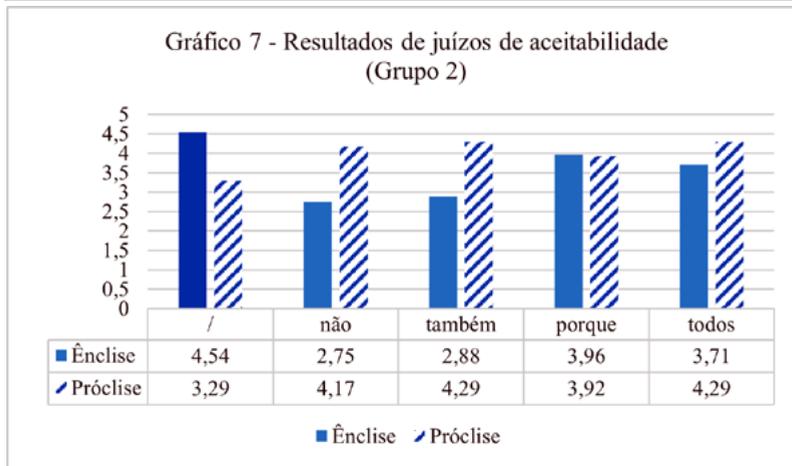
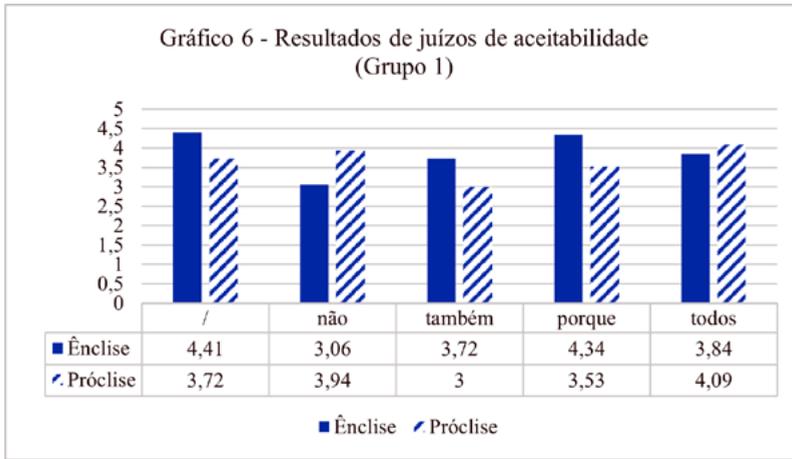
penho e uma maior facilidade potencial na aquisição da posição da ênclise relativamente à próclise.

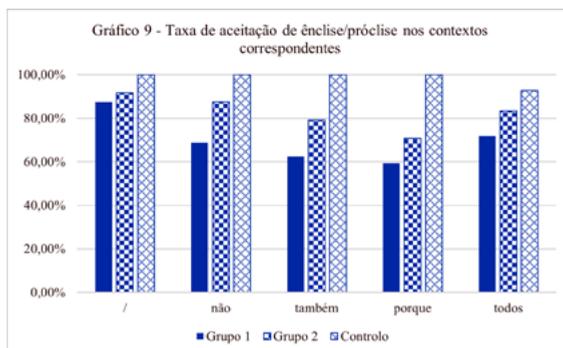
Tabela 8 – Taxas de respostas-alvo (%)

| | Contexto enclítico | | | | Contexto proclítico | | | |
|-----------------|--------------------|---------------|-----------------|-------|---------------------|-------|-----------------|--------------|
| | <i>ÊNCLISE</i> | | <i>PRÓCLISE</i> | | <i>ÊNCLISE</i> | | <i>PRÓCLISE</i> | |
| | 1-2 | 4-5 | 1-2 | 4-5 | 1-2 | 4-5 | 1-2 | 4-5 |
| Grupo 1 | 9,38 | 87,50 | 21,88 | 59,38 | 28,13 | 61,72 | 25,00 | 65,63 |
| Grupo 2 | 0,00 | 91,67 | 29,17 | 45,83 | 39,58 | 52,08 | 10,42 | 80,21 |
| Controlo | 0,00 | 100,00 | 63,64 | 9,09 | 65,91 | 25,00 | 2,27 | 89,77 |

As pontuações médias obtidas em diferentes contextos por cada grupo sob pressão de tempo (Gráfico 6-8) parecem ter registado resultados diferentes aos observados na tarefa sem pressão de tempo: 1) foram detetados indícios de generalização da ênclise nos contextos proclíticos, tais como nas orações simples com o advérbio “também” no Grupo 1 (3,72 [ênclise] vs. 3 [próclise]), nas orações subordinadas adverbiais causais finitas no Grupo 1 (4,34 [ênclise] vs. 3,53 [próclise]) assim como no Grupo 2 (3,96 [ênclise] vs. 3,92 [próclise]), e nas orações simples com o quantificador proclisador “todos” no Grupo 1 (3,84 [ênclise] vs. 4,09 [próclise]); 2) os informantes do Grupo 2 apresentaram distinções acertadas das colocações canónicas dos clíticos em mais contextos do que os informantes do Grupo 1; 3) o contexto de negação, por sua vez, continua a ser a condição em que se registou o maior contraste de pontuações dadas entre todos os contextos proclíticos, tal como observado na tarefa sem pressão de tempo. Diferentemente do observado na tarefa anterior, os três grupos parecem apresentar comportamentos distintos neste teste, se compararmos quer os falantes nativos de PE e os não nativos, quer os dois grupos de aprendentes chineses de português.

Uma análise da taxa de aceitação de ênclise/próclise nos contextos correspondentes com pressão de tempo (Gráfico 9) continua a mostrar observações diferentes daquelas do teste anterior, registando indícios de um percurso da aquisição dos contextos proclíticos, sugerindo a ordem de desenvolvimento como: negação > advérbio proclisador > orações subordinadas adverbiais. A única exceção encontra-se nas orações simples com o quantificador (sujeito) “todos”, nas quais os informantes parecem apresentar um desempenho melhor do que na maioria dos outros contextos proclíticos.





Diferentemente do que aconteceu com a tarefa anterior de juízos de aceitabilidade sem pressão de tempo, parece indiciar-se nesta tarefa ainda um determinado efeito de desenvolvimento entre os dois grupos de alunos chineses da língua portuguesa, tendo em consideração que o Grupo 2 apresenta um desempenho substancialmente melhor do que o Grupo 1, quer nos resultados globais de taxas de respostas-alvo (Grupo 1- 87,50% vs. Grupo 2- 91,67% [contexto enclítico]; Grupo 1- 65,63% vs. Grupo 2- 80,21% [contexto próclítico]), quer nos resultados de taxas de respostas-alvo em diferentes contextos (Gráfico 9), os quais se verificam próximos dos dados obtidos pelos falantes nativos de português.

5. Conclusões e reflexões

Neste trabalho, realizaram-se duas tarefas de juízos de aceitabilidade, uma com pressão de tempo e a outra sem pressão de tempo, através das quais foram testados dois grupos de aprendentes de PE, falantes nativos de chinês mandarim, que se encontram em diferentes níveis de aprendizagem de PE, sobre o seu conhecimento da posição dos pronomes clíticos complemento em português europeu.

Apesar de se ter verificado alguma variação em todos os três grupos, foi observado entre os informantes chineses e em ambas as tarefas que: 1) apresenta-se, de forma geral, algum conhecimento sobre as diferentes condições que determinam a alternância entre ênclise e próclise; 2) registando-se melhor desempenho nos contextos enclíticos do que nos próclíticos, o padrão da colocação próclítica parece ser mais difícil de adquirir do que o da posição enclítica; e 3) o contexto de negação verifica-se como a condição próclítica em que se denota maior diferença entre a aceitação de ênclise e de próclise, indicando que se trata possivelmente do padrão próclítico mais bem adquirido pelos informantes chineses, entre todos os testados.

Aliás, foram registados também resultados diferentes entre as duas tarefas, principalmente nos seguintes dois aspetos: 1) generalização da ênclise – não se verificaram evidências da aplicação generalizada da ênclise nos juízos sem pressão de tempo enquanto se detetaram indícios nos juízos com pressão de tempo, designadamente nos contextos com o advérbio “também”, com o quantificador “todos” e nas orações subordinadas adverbiais causais finitas; estes indícios encontram-se mais frequentemente entre os informantes do Grupo 1, que iniciaram a aprendizagem de PE mais tarde do que o Grupo 2; 2) percurso de aquisição do padrão de colocação nos contextos proclíticos – não se encontraram evidências, nos juízos sem pressão de tempo, que apoiem a proposta de um percurso fixo de desenvolvimento relativo às propriedades da posição proclítica, enquanto os resultados com pressão de tempo parecem indicar um tal percurso, sugerindo uma ordem de desenvolvimento, supostamente: negação > advérbio proclisador > orações subordinadas adverbiais; 3) efeito de desenvolvimento – nos resultados da tarefa sem pressão de tempo, não se observou efeito de desenvolvimento entre os dois grupos chineses, i.e. entre os alunos que aprendem português há menos tempo e os alunos com maior tempo de aprendizagem da língua, enquanto, nos dados obtidos sob pressão de tempo, se revelaram diferenças substantivas no desempenho dos alunos de diferentes grupos.

Estas observações confirmam alguns resultados registados por outros trabalhos em PE L2, nomeadamente com respeito à maior facilidade de aquisição da ênclise do que da próclise (Gu, 2019; Gu, no prelo, etc.); e, à sequência (parcial) de aquisição dos padrões de colocação dos clíticos, verificada com outros falantes não nativos (Madeira, Crispim & Xavier, 2006; Madeira & Xavier, 2009; Gu, no prelo) e até com as crianças nativas (Costa, Fiéis & Lobo, 2015).

Quanto às propostas teóricas acerca da possibilidade de aquisição de traços funcionais, embora não se tenha observado um efeito notável de desenvolvimento na tarefa sem pressão de tempo, parecem-nos relevantes e não podem ser ignoradas as diferenças denotadas no desempenho entre os alunos com menos tempo de aprendizagem de português e os alunos com maior tempo de aprendizagem, na tarefa com pressão de tempo. Estas diferenças, juntamente com o percurso de aquisição dos contextos de colocação dos pronomes clíticos, verificado nos juízos com pressão de tempo deste trabalho e partilhado entre os falantes não-nativos e nativos (na aquisição de L1) nos trabalhos anteriores, assim como a maior aceitabilidade da ênclise nos contextos proclíticos, detetada no grupo dos nossos participantes chineses que se encontravam mais próximos

dos estádios iniciais de aquisição, poderiam servir como evidências da aquisição potencialmente bem-sucedida e do acesso à GU, assim, apoiando a proposta da Hipótese de Transferência Plena/Acesso Pleno.

Vale a pena mencionar que existem ainda fenómenos observados neste estudo que não chegámos a estudar detalhadamente por não serem o foco do presente trabalho, como, por exemplo, as assimetrias verificadas no desempenho dos informantes relativamente à identificação dos itens com usos canónicos e daqueles com usos que não seguem normas gramaticais, ou, a especificidade observada no desempenho dos participantes chineses relativamente ao contexto com o quantificador “todos” sob a pressão de tempo. Estes poderão constituir o objeto de futuros trabalhos. Para além disso, seria talvez ainda mais interessante se, nos próximos trabalhos, pudéssemos considerar também o fator do tempo de resposta na tarefa com pressão de tempo, que não foi bem discutido neste artigo, recorrer a outras medidas estatísticas e levar em consideração resultados obtidos sob metodologias mais diversificadas na interpretação dos dados.

Com base nestas observações, continuaremos a exploração desta temática.

Referências bibliográficas

- Cardinaletti, A., & Starke, M. (1999). The typology of structural deficiency: A case study of the three classes of pronouns. In H. van Riemsdijk (Ed.), *Clitics in the Languages of Europe* (pp. 143-233). Berlin/New York: Mouton de Gruyter.
- Costa, J., & Lobo, M. (2007a). Clitic omission, null objects or both in the acquisition of European Portuguese? In S. Baauw, F. Drijckonongen & M. Pinto (Eds.), *Romance Languages and Linguistic Theory 2005* (pp.59-72). Amsterdam: John Benjamins.
- Costa, J., Lobo, M., & Silva, C. (2009). Null objects and early pragmatics in the acquisition of European Portuguese. *Probus*, 21(2), 143-162.
- Costa, J., & Lobo, M. (2013). Aquisição da posição dos clíticos em português europeu. In M. F. H. Silva, I. Falé & I. Pereira (Orgs.), *Textos Seleccionados, XXVIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística* (pp. 271-288). Coimbra: APL.
- Costa, J., Fiéis, A., & Lobo, M. (2015). Input variability and late acquisition: Clitic misplacement in European Portuguese. *Lingua* 161, 10-26.
- Grosso, M. J. (1999). *O Discurso metodológico do ensino do português em Macau a falantes de língua materna chinesa*. Dissertação de doutoramento, Universidade de Lisboa.
- Gu, W. J. (2019). Aquisição de pronomes clíticos de português europeu por falantes de chinês: dados sobre a colocação. *Revista da Associação Portuguesa de Linguística*, 5, 190-206. <https://doi.org/10.26334/2183-9077/rapln5ano2019a14>.

- Gu, W. J. (no prelo). Aquisição da posição dos pronomes clíticos de português europeu por falantes nativos de chinês. In *NOVALing: Textos Seleccionados do XIII Fórum de Partilha Linguística*. London: Ubiquity Press.
- Hawkins, R., & Chan, C. Y.-H. (1997). The partial availability of Universal Grammar in second language acquisition: The 'failed functional features hypothesis'. *Second Language Research* 13(3), 187-226.
- Huang, C.-T. J., Li, Y.-H. A., & Li, Y. F. (2009). *The Syntax of Chinese*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Ilari, R. (2013). O Português no contexto das línguas românicas. In E. P. Raposo et al. (Eds.), *Gramática do Português* (pp. 49-66). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian,.
- Li, Y.-H. A. (2006). Chinese ba. In M. Everaert & H. van Riemsdijk (Eds.), *The Blackwell companion to syntax* (vol. 1, pp. 374-468). Oxford: Blackwell.
- Martins, A. M. (1994). Enclisis, VP-deletion and the nature of Sigma. *Probus*, 6(2-3), 173-206.
- Mai, R. (2006). *Aprender português na China: o curso de licenciatura em Língua e Cultura Portuguesas da Universidade de Estudos Internacionais de Xangai: estudo de caso*. Dissertação de mestrado, Universidade de Aveiro.
- Madeira, A., Crispim, M. L., & Xavier, M. F. (2006). Clíticos pronominais em português L2. In M. Lobo & M. A. Coutinho (Orgs.), *APL – Textos Seleccionados. XXI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística* (pp. 495-510). Lisboa: Colibri.
- Madeira, A., & Xavier, M. F. (2009). The Acquisition of Clitic Pronouns in L2 European Portuguese. In A. Pires & J. Rothman (Eds.), *Minimalist Inquiries into Child and Adult Language Acquisition: Case Studies across Portuguese* (pp. 273-299). Berlin/New York: Mouton de Gruyter.
- Martins, A. M. (2013). A posição dos pronomes pessoais clíticos. In E. P. Raposo et al. (Eds.), *Gramática do Português* (pp. 2231-2302). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Martins, A. M. (2016). A colocação dos pronomes clíticos em sincronia e diacronia. In A. M. Martins & E. Carrilho (Eds.), *Manual de Linguística Portuguesa* (pp. 401-430). Berlin/Boston: De Gruyter.
- Madeira, A. (2017). Aquisição de língua não materna. In M. J. Freitas & A. L. Santos (Eds.), *Aquisição de língua materna e não materna: Questões gerais e dados do português* (Textbooks in Language Sciences 3, pp. 305-330). Berlin: Language Science Press.
- Rosário, M. (1997). *A aquisição dos clíticos em português como língua estrangeira: o papel da língua materna*. Dissertação de mestrado em Linguística, Universidade de Lisboa.
- Rosário, J. (2005). Aquisição dos clíticos por falantes de português língua não materna. In D. Carvalho, D. Vila Maior & R. A. Teixeira (Orgs.), *Des(a)ffiando discursos: Homenagem a Maria Emília Ricardo Marques* (pp. 553-562). Lisboa: Universidade Aberta.
- Schwartz, B. D., & Sprouse, R. A. (1996). L2 cognitive states and the Full Transfer/Full Access model. *Second Language Research*, 12(1), 40-72.
- Varlokosta, S. et al. (2015). A cross-linguistic study of the acquisition of clitic and pronoun production. In *Language Acquisition*. Doi:10.1080/10489223.2015.1028628.